1ª Parte

Estudos

Álbum de Primeira Comunhão

Eduardo Campos

Insere-se na cidade de Fortaleza, urbe que pelos anos vinte andava por volta de oitenta mil viventes, uma sociedade de fundamentos tradicionalmente católicos. As mães esperavam, ansiosas, poder encaminhar os filhos varões ao Seminário, oficina de ensino credenciado a essa época por um corpo de professores, oito ao todo, dos quais apenas dois eram brasileiros.

Os sinos, a esses dias, ouvidos soando pela manhã, a acordar, pondo de pé zelosas donas de casas que se arrumavam pressurosas para ir à igreja, o fazendo sempre acompanhadas de amiga, vizinha mais requestada.

O clero se movimentava bastante vigilante, cônscio de suas responsabilidades junto à comunidade, ciente dos desafios de ordem moral que pontuavam procedimentos avaliados e censurados pelo poder público. Vale lembrar o censurável comportamento das mulheres, de moral débil, a se ver pela estatística pouco encorajadora desses dias. A esse respeito, o autor anotou em livro que, em parte, se ocupava dessa situação: "do total de mulheres solteiras, das quais inúmeros menores que, na década 1920-29, dão à luz", decorria realidade que assustava: "O levantamento estatístico percorre os anos de 1915 a 1926, detectando 2.329 parturientes solteiras contra 2.710 casadas. Nesse período as menores são 1.027."

A moral, retomamos a apreciação, no contexto social, em 1919, ia em baixa, pois 37% das crianças batizadas apareciam recensedadas na condição de filhos ilegítimos.

D. Manoel da Silva Gomes, credor de considerável prestígio, impulsiona as atividades do clero. Incrementadas as reuniões das associações, a exemplo, de Mães Cristãs, às quais atribuía a responsabilidade de orientar não só as pessoas da própria família mas os empregados domésticos, mão de obra que, recrutada no interior, vinha parar nas cozinhas, criaturas muito vulneráveis às influências nocivas deparadas de modo inesperado na Capital.

Não só destacadas as atividades das Mães Cristãs, cujo núcleo principal reunia-se na própria Sé, mas de outras associações como as dos Filhos de Maria e da Cruzada Eucarística.

Inauguram-se por então mais Círculos Operários Cristãos e Sociedades Vicentinas, a essas reservadas a prática da caridade, cabendo a seus membros a visita a pessoas idosas enfermas, logo assistida a missa aos domingos. A seu turno, todo estabelecimento de ensino a se desejar respeitado, pelos anos vinte, animava os sentimentos religiosos dos alunos. Em todos, e notadamente no Colégio Nogueira, prosperavam as primeiras comunhões de meninos que atingiam a idade recomendada para o exercício eucarístico, algo em torno dos dez anos.

Em 1934, quando ocorre o cinqüentenário da primeira comunhão de Santa Terezinha do Menino Jesus, no dia 13 de maio dão-se às mãos, espiritualmente, todas as crianças da Arquidiocese de Fortaleza, em ato de comunhão, recebendo a eucaristia em mutirão de prece pela "salvação da infância russa, que está sendo descristianizada"

No ano de 1925 é reeditado folheto (60 páginas) - em verdade manual de instrução religiosa - pelo Conselho Central Metropolitano de Fortaleza, contendo instruções para as "Adorações ao SS. Sacramento", práticas de exercício diurno e noturno. De chamar a atenção o que então é estipulado, no documento de instruções.

De exemplo o "modo prático de fazer-se à Adoração noturna na cidade de Fortaleza", lista de intenções, entregue "ao Diretor da noite, que designa a hora e leito a cada um , fazendo em seguida a leitura da Parte do Regulamento que diz respeito às obrigações dos adoradores..."

Recitam-se na vigília 5 Padre Nosso, 5 Ave Maria e 5 Glória Padre, acrescidos por Ato de desagravo.

Só então iniciada a execução do horário de cada adorador, "cabendo a 1ª hora aos ns. 1 e 2, a 2ª aos ns. 3 e 4, e assim por diante."

Vale a pena transcrever o exercício da adoração: "Quinze minutos antes de findar sua hora um dos adoradores se levanta do genuflexório e vai despertar os dois adoradores encarregados da hora seguinte, e voltando com eles, em comum, os quatro rezam cinco Padre Nosso, cinco Ave Maria e cinco Glória Padre."

Não pára aí a atividade religiosa. Pelas 4 da manhã reúnem-se todos os adoradores para a leitura espiritual e oração, enquanto o padre Diretor prepara-se para celebrar missa e dar comunhão a todos os adoradores (p 59 o.c.)

Tão longa e minuciosa descrição deixa ao leitor atual a idéia de como os atos religiosos, da Igreja católica em Fortaleza, os mais simples - ajunte-se -, àqueles dias, estavam sempre a exigir desafiadora obediência às regras impostas pela Arquidiocese.

Esse sentido com certa intenção de organização cênica - se assim podemos mencionar, preside aos atos de manifestação de fé em público.

Em decorrência não admira o ritual admitido para as crianças em seu encaminhamento à Eucaristia, por ocasião da primeira comunhão. Em tudo aquela "intenção" cênica, a partir da escolha do indumento, das circunstâncias para o ato, o dia, a presença da família, de amigos, e o sentido de solidariedade grupal, pois sempre reunidos os colegas de classe, de escola, ou da freqüência ao catecismo propiciado pela paróquia. Não cessava aí a elaboração do espetáculo. Os meninos e meninas tinham de ir levados a atelier fotográfico, e, nessa oficina, diante de cenários - manifestação objetiva de encenação teatral - ou perfilados ao lado de projeções imitativas de colunas, sacrários ou bancos de jardins (verdadeiros trainéis, como se diz em linguagem teatral), conduzidos sob a vigilante orientação do fotógrafo, para que o registro de imagem viesse a expressar o testemunho de celebração bastante diferenciada..

Ao final dos anos trinta, o clero enfatiza a importância do recrutamento das crianças à celebração da Primeira Comunhão. De comum os artigos em jornais, os sermões como a exemplo de Mons. Joviniano Barreto, a esse propósito:

"Seu coração (da criança) começa a estremecer de ânsia por que chegue o dia venturoso de sua (primeira) comunhão. Para isto muito concorreu certas circunstâncias que em outras ocasiões seriam banais. O preparo das vestes, símbolos da candura; aquela vela ornada, símbolo da fé; a festa que lhe oferecerem naquele dia, sinal de alegria dos pais, dos irmãos, dos parentes e amigos; os presentes que todos lhe desejam..." (...) "Elas (crianças\) sentem a verdade do que se diz de uma pequena que, no dia de sua primeira Comunhão, a quem lhe perguntou o que era o céu, responde":

"é uma primeira Comunhão que dura sempre."

O sacerdote não pode descurar da obrigação de orientar e estimular em sua paróquia o preparo dos futuros membros da Igreja, as crianças.

Por isso, dispõe o "Primeiro Sínodo Diocesano Fortalezense" presidido por Dom Joaquim Vieira, em 1888., no capítulo XII (**"Da Eucaristia como sacramento"**), aí mencionado : "São os Párocos obrigados - **sub graci** a em-

pregar toda a diligência em ordem a preparar os meninos para receberem a sagrada comunhão."

No mesmo lugar esclarecido ainda estarem todos os párocos avisados "de ser **culpa grave** diferir-se,, sem causa justa, a comunhão dos meninos para além dos doze ou quatorze anos."

Dos anos trinta do século passado até inícios dos anos cinqüenta, a Igreja diligenciava junto ao público a memória estatística de sua ação religiosa, não esquecidas na publicação (anual) o levantamento em números, de modo detalhado, de todas as atividades do Apostolado da Oração, e ao que nos interessa nesse estudo, da Cruzada Eucarística. Tudo como se menciona, divulgado em forma de livro no **"Anuário Eclesiástico da Arquidiocese de Fortaleza"**, a que tive acesso, edições de 1953, 1954 e 1955.

Em 1955 o Santuário da Adoração, apensado à Paróquia do Carmo, contava com 115 cruzadinhos. A Paróquia dos Remédios, também em Fortaleza, reunia maior número: inscreviam-se aí 265 cruzadinhos.

Não se pode dizer, atualmente, perseverar com igual entusiasmo a arregimentação de crianças, aos moldes de como se fazia pelos anos ora relembrados, convocados para a primeira comunhão, acontecimento que (lembrei atrás) estimulava os estabelecimentos de ensino, como o Colégio Nogueira, a promover a primeira Comunhão de seus alunos.

A primeira Comunhão, por então, empreendida como acontecimento festivo para a criança, , a partir de seu treinamento, de como se comportar, decente, a ajoelhar-se em posição que a deixasse de cabeça erguida, humilde, a boca ajustada à altura correta para absorver a hóstia consagrada.

E como já referido em linhas anteriores, outras providências iam sendo consertadas: o modelo do indumento, se roupa simplesmente branca - ou, nessa cor, mas recortada em modelo de farda, que podia ser a do próprio colégio (trajo especial dos dias solenes), ou farda de marinheiro, militar, e nesse caso com direito a quepe.

O procedimento para o grande dia da primeira comunhão, sendo o menino filho de pais economicamente bem contentados na vida, exigia organizado na casa do comungante uma recepção para amigos e vizinhos, além dos parentes, e aí servido como dito aos jornais da época "lauta mesa de café e chocolate", guarnecida de bolinhos de goma, biscoitos, principalmente.

Seria esse o formato de uma verdadeira celebração de primeira comunhão?

Em **"Pastoral Catequética - 10"** pode-se ler o comentário: "Constatamos que na preparação para a primeira comunhão faltam, em geral, as verdadeiras celebrações. Uma verdadeira iniciação à celebração, no entanto, se faz celebrando. Encontramos ás vezes roteiro para" celebrações ". Mas são antes jograis e reflexões comunitárias. Elas ficam normalmente em palavras . Faltam gestos e ritos. Não há festividade."

Festividade, acabamos de ler, ou debaixo de minha ótica, representação, um certo exercício cênico (para reafirmação da proposta religiosa) que, no passado, pontuava a celebração desse tipo qual rito de passagem, a identificar prazerosamente a criança com o mistério da Eucaristia, inserindo-a na prática de atividade que, àquele momento, como exercida, era religiosa...e teatral.

A tanto, e sentimos nos repetir mais uma vez, com direito a foto em estabelecimento fotográfico que às mais vezes mais parecia um palco, onde todo menino, por instante maravilhoso, bastante significativo, também era ator, a se ver depois a si próprio na foto comemorativa de tão memorável acontecimento.

(De **"Álbum de Primeira Comunhão"**, no prelo)